ISSN: 2358-8829

EDUCAÇÃO DO CAMPO E LITERATURA NA AMAZÔNIA PARAENSE: REPRESENTAÇÕES DA ESCOLARIZAÇÃO EM CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA

Kemille Graziele Raiol Rocha [1]
Rebeca de Sales Pimentel [2]
Carlos Renilton Freitas Cruz [3]

INTRODUÇÃO

Estamos no século XX, mais precisamente na década de 1930, período em que o Estado do Pará enfrentava os impactos da crise econômica resultante do declínio da produção gomífera. O fim do ciclo da borracha deixou marcas profundas na organização social amazônica, ampliando as desigualdades e submetendo grande parte da população a condições de pobreza e exclusão. Nesse contexto, a literatura de Dalcídio Jurandir emerge como importante instrumento de interpretação da realidade amazônica, ao representar experiências, conflitos e modos de vida dos sujeitos que permaneceram à margem dos processos de desenvolvimento econômico.

Publicado em 1941, *Chove nos Campos de Cachoeira* inaugura o chamado Ciclo do Extremo Norte e apresenta um retrato da Ilha do Marajó no período posterior ao auge da economia da borracha. A narrativa acompanha a trajetória de Alfredo, personagem que expressa inquietações relacionadas às condições materiais de existência, às relações sociais e, sobretudo, aos processos educativos vivenciados na Vila de Cachoeira. Ao longo do romance, a educação aparece como possibilidade de transformação social e construção de novos horizontes, ao mesmo tempo em que evidencia os limites impostos por uma sociedade marcada pelas desigualdades.

A relação entre literatura e sociedade constitui um dos fundamentos deste estudo. Ao analisar a obra de Dalcídio Jurandir, compreende-se a literatura não apenas como manifestação artística, mas também como espaço de problematização das experiências

[1] Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará- UFPA, kemilleraiol@gmail.com ;
[2] Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA, rebecasales7513@gmail.com ;
[3] Professor orientador: Doutor em Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará - UFPA, renilton@ufpa.br .

humanas e das contradições sociais. Nesse sentido, Antonio Candido (2006) destaca que a literatura exerce uma função social fundamental ao possibilitar diferentes formas de compreensão da realidade. Segundo o autor, "a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas" (CANDIDO, 2006, p. 175). Tal compreensão permite reconhecer que as narrativas literárias não se limitam à reprodução do real, mas constituem espaços de reflexão crítica sobre as relações sociais, econômicas, culturais e educacionais de uma determinada época. Sob essa perspectiva, o romance de Dalcídio Jurandir ultrapassa o campo da ficção e constitui um importante testemunho das sensibilidades sociais e culturais presentes na Amazônia paraense da primeira metade do século XX.

A pesquisa fundamenta-se também na perspectiva da História Cultural, especialmente nas contribuições de Roger Chartier (1990), para quem o principal objeto da história cultural consiste em identificar os modos pelos quais uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler pelos diferentes grupos sociais. Segundo o autor, as representações são produzidas a partir de classificações, percepções e esquemas intelectuais compartilhados socialmente, permitindo que os sujeitos interpretem o mundo que os cerca. Nas palavras de Chartier (1990, p. 17), esses esquemas de percepção “criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado”. Dessa forma, a obra *Chove nos Campos de Cachoeira* é compreendida neste estudo como uma representação da realidade amazônica, capaz de revelar valores, conflitos e concepções acerca da educação e das condições de vida dos sujeitos do campo.

Para Arroyo (2022), a história da educação foi construída, em grande medida, a partir de uma concepção universal de infância que ignorou as experiências concretas dos sujeitos pobres, negros, indígenas, quilombolas e camponeses. O autor argumenta que essas "outras infâncias" vivenciam processos permanentes de negação de direitos e de desumanização, sendo frequentemente privadas das condições necessárias para experimentar plenamente sua condição de crianças. Ao refletir sobre a trajetória histórica dessas crianças, Arroyo (2019, p. 77) questiona: "Que sentimento da vida apreendem, vivenciam infâncias em vidas ameaçadas, que se sabem, se desenham sabendo quem as ameaça e por quê?". A indagação do autor permite lançar um olhar mais profundo sobre Alfredo, cuja infância é atravessada por condições adversas que moldam sua percepção do mundo, da escola e de seu próprio futuro. Seus questionamentos sobre a realidade que

o cerca revelam não apenas os conflitos individuais de um personagem literário, mas também experiências coletivas compartilhadas por muitas crianças amazônicas do período.

Essa reflexão é ampliada pelas contribuições de Caldart (2012), para quem a Educação do Campo deve ser compreendida como uma construção histórica vinculada às lutas sociais dos trabalhadores rurais. A autora defende uma educação comprometida com a valorização dos territórios, das culturas e das experiências dos povos do campo, contrapondo-se às concepções urbanocêntricas historicamente predominantes. Conforme afirma Caldart (2012), a Educação do Campo nasce da necessidade de afirmar os sujeitos do campo como protagonistas de sua própria formação e de seus projetos de vida. Embora o romance de Dalcídio Jurandir anteceda os debates contemporâneos acerca da Educação do Campo, suas narrativas permitem observar elementos relacionados às experiências educativas das populações rurais amazônicas e às desigualdades que marcavam seus processos de escolarização.

Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo investigar experiências educativas de populações do campo amazônico no século XX, a partir da interlocução entre a produção historiográfica e a obra Chove nos Campos de Cachoeira, tomando como referência as experiências educativas vivenciadas pelo personagem Alfredo. Busca-se compreender de que maneira a narrativa literária de Dalcídio Jurandir contribui para a reflexão sobre os processos educacionais e os modos de vida amazônicos, evidenciando as potencialidades da literatura como fonte para os estudos em História da Educação.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza bibliográfica e documental, fundamentada na perspectiva da História Cultural. A investigação bibliográfica foi realizada por meio do levantamento e análise de produções acadêmicas História da Educação, literatura como fonte histórica e representações culturais, dialogando com autores como Miguel Arroyo, Roseli Caldart, Antonio Candido e Roger Chartier.

A pesquisa documental teve como fonte principal o romance *Chove nos Campos de Cachoeira*, de Dalcídio Jurandir. A obra foi analisada com o objetivo de identificar passagens relacionadas às experiências educativas, aos processos formativos e às representações da escola e da educação presentes na trajetória do personagem Alfredo. A

análise dos dados foi realizada por meio de leitura interpretativa e fichamento das passagens selecionadas, buscando relacioná-las ao contexto histórico e social da Amazônia paraense no século XX.

A interpretação do corpus fundamenta-se nas contribuições de Chartier (1990), compreendendo a literatura como espaço de produção de representações sociais e culturais que possibilitam a reflexão sobre as experiências educacionais e os modos de vida amazônicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise de *Chove nos Campos de Cachoeira* evidenciou que a educação ocupa um papel central na constituição das expectativas, dos conflitos e dos projetos de vida do personagem Alfredo. Em uma realidade marcada pelas consequências do declínio da economia da borracha, a escolarização surge na narrativa como uma das poucas possibilidades de romper com os limites impostos pelas condições sociais da Vila de Cachoeira.

Alfredo é apresentado como uma criança que não se reconhece plenamente no espaço em que vive. Seus questionamentos sobre a própria identidade aparecem desde a infância e revelam as tensões sociais presentes na Vila de Cachoeira:

> Quanto ao branco e preto, Alfredo achava esquisito que seu pai fosse branco e sua mãe preta. Envergonhava-se por ter de achar esquisito. Mas podia a vila toda caçoar deles dois se saíssem juntos. Causava-lhe vergonha, vexames, não sabia que mistura de sentimentos e faz de conta. Por que sua mãe não nascera mais clara? E logo sentia remorso de ter feito a si mesmo tal pergunta (JURANDIR, 2019, p. 19),

A passagem evidencia que Alfredo percebe, ainda criança, as hierarquias raciais e sociais que atravessam seu cotidiano. O estranhamento diante da diferença entre seus pais e o sentimento de culpa por seus próprios questionamentos revelam conflitos que ultrapassam a experiência infantil e refletem valores compartilhados pela comunidade em que vive. Nesse sentido, o personagem demonstra uma postura inquieta e reflexiva diante da realidade, recusando aceitar de forma passiva as desigualdades e limitações presentes em seu contexto social.

Essa insatisfação manifesta-se principalmente em relação à educação. Ao longo da narrativa, Alfredo constrói para si a ideia de que estudar em Belém significaria romper com o destino reservado aos habitantes da vila. Seu desejo não se restringe ao acesso à

escola, mas envolve a aproximação de um universo cultural mais amplo, conhecido por meio de revistas, livros e relatos de viajantes colecionados por seu pai, o Major Alberto. Quando contempla o clarão distante na noite dos campos, projeta nele a imagem da capital e de tudo aquilo que ela representava para sua imaginação:

> Ali estava o seu sonho da cidade de bondes elétricos, arraial de Nazaré, largo da Pólvora, as lojas de brinquedos, a Torre de Malakof [...] Aquele clarão chamava-o. Era o sonho de viagens. Alfredo vivia sonhando e desejando (JURANDIR, 2019, p. 111).

O sonho de Belém ultrapassa o desejo de deslocamento geográfico e passa a representar acesso à educação, à cultura e a outras possibilidades de vida. Nessa direção, a narrativa revela que a valorização dos estudos não estava presente apenas nos anseios do menino. Em determinado momento, Dona Amélia manifesta preocupação com o futuro do filho e confronta a indiferença do Major Alberto diante de suas aspirações: “Mas eu boto meu filho em Belém. Seu Alberto não se mexe, mas vai ver se não arrumo uma casa para Alfredo ficar... [...]” (JURANDIR, 2019, p. 96). A passagem demonstra que a escolarização era compreendida como uma alternativa de transformação social e evidencia a percepção materna de que a permanência em Cachoeira poderia limitar as oportunidades futuras de Alfredo.

Nesse processo, o caroço de tucumã adquire forte valor simbólico. Por meio dele, Alfredo projeta seus sonhos e expectativas em um universo no qual a escola representa liberdade e realização pessoal. Como afirma o narrador, o “carocinho na palma da mão saltando no ar era toda a vida solitária de Alfredo, lhe tirando as tristezas, lhe dando a presença de um colégio onde pudesse apagar a figura do Tales e não ir buscar no mercado o quilinho de carne” (JURANDIR, 2019, p. 296). A educação assume, assim, a dimensão de esperança e possibilidade de mudança, tornando-se elemento central na construção dos projetos de vida do personagem.

Entretanto, a escola efetivamente disponível em Cachoeira distancia-se radicalmente desse ideal. As passagens analisadas revelam práticas pedagógicas marcadas pelo controle rígido, pelo medo e pela punição. O caso de João exemplifica uma experiência de escolarização baseada na coerção, em que os castigos físicos aparecem como estratégia de ensino: “Sua mãe botou ele com o seu Paiva e depois foi um nunca acabar de castigo, de não sair do A, de passar a tarde inteira amarrado num banco para não fugir da escola” (JURANDIR, 2019, p. 229).

ISSN: 2358-8829

A experiência de Alfredo com seu Proença também é marcada pela humilhação. Em um dos episódios mais significativos da narrativa, o professor o expõe diante dos colegas após um incidente ocorrido em sala de aula: “Ele se sujou. Sujou as calças. Pequeno cagão! Olha, ó Flor” (JURANDIR, 2019, p. 159). Na passagem, Alfredo é colocado nu diante dos demais alunos, tornando-se alvo de comentários e risos. O narrador registra o constrangimento do personagem ao observar “nos olhos já definidos de Flor uma censura azul que era para o menino qualquer coisa de humilhante” (JURANDIR, 2019, p. 158). Essas experiências revelam práticas que ultrapassam a disciplina escolar e atingem diretamente a dignidade da criança.

As situações narradas permitem compreender não apenas o funcionamento da escola, mas também determinadas concepções de infância e educação presentes naquele contexto histórico. A centralidade dos castigos, das ameaças e da obediência evidencia formas socialmente legitimadas de educar e disciplinar as crianças. Contudo, a insatisfação de Alfredo não se limita ao medo das punições. O personagem sente falta de alguém que o compreenda e o oriente em suas descobertas sobre o mundo. Como observa o narrador, “faltava quem o compreendesse, o animasse, o ensinasse não só a estudar como lhe mostrar a vida. Sentia-se só, distante, imaginando sempre” (JURANDIR, 2019, p. 159). A passagem sugere uma crítica a práticas educativas incapazes de estabelecer vínculos significativos entre educador e estudante.

A rejeição à escola de seu Proença torna-se tão intensa que Alfredo passa a encontrar em outros espaços experiências formativas mais significativas. Em uma passagem emblemática da obra, o narrador afirma que “Alfredo tinha era camaradagem pelos cajueiros. Eles ensinavam mais que o seu Proença” (JURANDIR, 2019, p. 157). Enquanto a escola aparece associada ao medo e à violência, os elementos da natureza e do cotidiano oferecem experiências de descoberta, observação e pertencimento. A obra sugere, assim, que os processos de formação humana não se restringem à instituição escolar, sendo construídos também nas relações com o território, com a comunidade e com a cultura local.

Sob essa perspectiva, a narrativa permite compreender aquilo que Chartier (1990) identifica como os significados que os sujeitos atribuem às suas experiências sociais. Mais do que descrever práticas escolares, o romance revela diferentes sentidos atribuídos à educação pelos moradores de Cachoeira. Para Alfredo, a escola é simultaneamente um espaço de sofrimento e uma possibilidade de futuro; para Dona Amélia, constitui uma

esperança de mudança; para os professores, aparece vinculada à disciplina e ao controle. Essas distintas percepções evidenciam a complexidade das experiências educativas representadas na obra.

Contudo, o romance não apresenta uma visão exclusivamente negativa da educação. Em determinadas passagens, surgem lembranças de experiências escolares associadas à convivência comunitária e às atividades culturais locais. Ao recordar os teatrinhos organizados pela professora Lucinda, Alfredo rememora um tempo em que "a escola era risonha e franca" (JURANDIR, 2019, p. 206). Essas memórias sugerem outras possibilidades de educação, vinculadas à sociabilidade, à cultura e à participação coletiva.

Os resultados indicam, portanto, que Dalcídio Jurandir constrói uma representação complexa da educação amazônica. A escola aparece simultaneamente como espaço de esperança, disciplinamento, sofrimento e transformação social. Ao atribuir centralidade à trajetória de Alfredo, o romance registra aspectos significativos das vivências educacionais das populações amazônicas durante a primeira metade do século XX, revelando os desafios da escolarização e os múltiplos sentidos atribuídos à educação em contextos marcados pela pobreza, pelo isolamento e pela desigualdade social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do romance *Chove nos Campos de Cachoeira* permitiu compreender que as experiências educativas representadas por Dalcídio Jurandir ultrapassam os limites da instituição escolar e revelam aspectos significativos da vida social amazônica na primeira metade do século XX. Por meio da trajetória de Alfredo, a obra apresenta uma infância marcada por conflitos identitários, desigualdades sociais e expectativas depositadas na educação como possibilidade de construção de outros horizontes de vida.

Os resultados indicam que Dalcídio Jurandir atribui múltiplos sentidos à experiência educativa no contexto amazônico. A escola surge simultaneamente como espaço de esperança, disciplinamento, sofrimento e possibilidade de mudança social. Essa ambivalência permite compreender como diferentes percepções sobre a educação conviviam em uma mesma realidade histórica, revelando os significados socialmente construídos em torno da escolarização pelas populações do interior amazônico. Esses aspectos dialogam com as reflexões de Chartier (1990) acerca da produção cultural como espaço de construção de significados.

À luz da História Cultural, a obra revelou-se uma fonte relevante para a compreensão das representações da infância, da escola e dos processos educativos na Amazônia paraense. Mais do que registrar acontecimentos, a narrativa produz significados sobre as experiências dos sujeitos amazônicos, tornando visíveis aspectos do cotidiano e da formação humana nem sempre contemplados pela documentação oficial.

Por fim, o estudo reforça a importância da literatura como fonte para a História da Educação, especialmente no contexto amazônico, onde as produções literárias possibilitam novos olhares sobre os modos de vida, as práticas educativas e as relações sociais da região. Nesse sentido, novas investigações podem ampliar a análise para outras obras do Ciclo do Extremo Norte, contribuindo para o aprofundamento dos estudos sobre educação, infância e cultura na Amazônia.

Palavras-chave: Educação do Campo; História da Educação; Literatura Amazônica; Dalcídio Jurandir; História Cultural.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **"O direito à literatura"**. In: Vários escritos. São Paulo: Duas cidades; Ouro sobre azul, 1995.

ARROYO, Miguel G. **Vidas Re-Existentes Repondo sua Outra Humanidade na História**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2022.

ARROYO, Miguel G. **Imagens quebradas**. 9ª.Ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2019.

CHARTIER, R. **A história cultural: Entre Práticas e Representações.** Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.

JURANDIR, Dalcídio. Chove nos campos de Cachoeira. 8. ed. Bragança, PA: Pará.grafo Editora, 2019.

CALDART, Roseli Salete. **Educação do Campo.** In: CALDART, Roseli Salete et al. (org.). Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular, 2012.